

A identidade negra na TV pública regional representada no programa Nação da TVE/RS¹

Clara Sitó ALVES²

Flavi Ferreira LISBÔA FILHO³

Mariana Nogueira HENRIQUES⁴

Universidade Federal de Santa Maria, Santa Maria, RS

Resumo

O presente artigo faz uma análise do episódio Museu do Percurso Negro do programa Nação da TVE RS. Tem como objetivo contribuir para as discussões sobre representação e identidade negra na TV pública regional e compreender de que forma o Nação constrói uma narrativa através das contribuições culturais da população negra para a formação do Rio Grande do Sul. O episódio Museu do Percurso Negro foi selecionado por contextualizar e mapear as movimentações do negro na capital do estado. Para isso, a análise cultural midiática parte de aspectos pontuais, como, narrativa e produção, a fim de desvendar os sentidos e significações constituídas pelo Nação.

Palavras-chaves: Identidade negra; Nação; Negritude, TV pública regional.

INTRODUÇÃO

O presente artigo faz parte de um estudo do projeto de pesquisa “Identidade e Representação na Mídia: Perspectivas dos Estudos Culturais para análises Culturais” e visa desenvolver uma análise do programa Nação da TVE RS, a fim de evidenciar a importância da discussão da história negra em uma TV pública regional, além de entender de que formas o Nação remonta às contribuições culturais do negro na formação do Rio Grande do Sul. A pesquisa, no todo, parte da análise de dois episódios: o Museu do Percurso Negro – por mapear as movimentações do povo negro na capital do estado – e Massacre dos Porongos, por se tratar de um episódio da Revolução Farroupilha, principal conflito regional. Para isso, a análise cultural midiática pretende focar em aspectos, como: produção, contexto social, cenário, apresentadores e convidados.

Sendo parte de um estudo em desenvolvimento, o objetivo do artigo aqui apresentado é realizar uma análise inicial do episódio Museu do Percurso Negro, do

¹ Trabalho apresentado no IJ7 – Comunicação, Espaço e Cidadania do XVII Congresso de Ciências da Comunicação na Região Sul realizado de 26 a 28 de maio de 2016.

² Graduanda do Curso de Comunicação Social Jornalismo da UFSM, Bolsista de Iniciação Científica PROBIC-FAPERGS e-mail: clasalvs@gmail.com

³ Professor no Programa de Pós-Graduação em Comunicação e no Departamento de Ciências da Comunicação da UFSM. Doutor em Ciências da Comunicação, professor do Departamento de Ciências da Comunicação e do Programa de Pós-Graduação em Comunicação da UFSM. Pesquisador Líder do Grupo de Pesquisa Estudos Culturais e Audiovisualidades. E-mail: flavilisboa@gmail.com

⁴ Mestre em Comunicação pela Universidade Federal de Santa Maria. E-mail: mariananhsm@yahoo.com.br

programa Nação, criado pela TVE-RS. Buscamos, então, compreender de que maneira a representação negra, em uma TV pública regional, forma um espaço de discussão e fortalecimento da contribuição negra para a cultura gaúcha, sobretudo a partir dos elementos que constituem a produção e linguagem do programa.

Para o desenvolvimento desse estudo, por se tratar de uma análise cultural midiática, utilizou-se a análise televisiva, a partir de aspectos específicos, como produção, contexto social, cenário, apresentadores e convidados; e entrevistas com a produtora e idealizadora do programa. Segundo Jost (*apud* LISBOA FILHO, 2009), “(...) quando se estuda um programa de televisão, não se deve ficar restrito apenas à consideração do próprio programa, mas tem-se de estudar o que se fala a seu respeito, como se fala dele e o que se diz”.

Dessa forma, para entender o processo da (re)construção da história negra e de elementos que contribuíram para a formação da cultura gaúcha, além de fomentar a discussão sobre a importância dessas questões na TV pública, foi fundamental passar por três momentos: o primeiro é uma contextualização da população negra nos meios de comunicação, a fim de evidenciar como essa estrutura está configurada e de que maneira esse grupo social está representado nos meios de comunicação; posteriormente, trazer a discussão para o espaço da TV pública e identificar a questão da identidade e representação; para finalmente analisar os dois episódios do Nação, considerando também, o contexto social em que está inserido.

A partir da temática da representação do negro na televisão pública, é importante considerar a perspectiva de Manuel Castells (1999) para pensar a construção da identidade negra. Sob a óptica da multiplicidade, o autor chama atenção para três processos: a) a identidade legitimadora que é promovida por instituições sociais dominantes e reforça uma atitude de submissão dos sujeitos; b) a identidade de resistência, caracterizada pelos atores que estão em condições sociais desfavorecidas e apesar de apresentarem forte resistência ao projeto dominador, ainda não chegam a propor formas positivas e significativas de construção identitária; e por fim c) a identidade de projeto, em que os atores, com base nos recursos culturais disponíveis, buscam mudanças na estrutura social, a partir da construção de novas identidades e da redefinição do seu local social.

Esse estudo se reflete no terceiro processo: a identidade de projeto. Em que, apesar da invisibilidade recorrente da identidade negra nos meios de comunicação hegemônicos, os atores sociais – nesse caso, na figura da produtora e idealizadora negra – criam um

espaço social, dentro de uma emissora pública regional, de valorização e discussão das questões raciais no âmbito do Rio Grande do Sul. Desenvolvendo, a partir disso, uma ressignificação da história da população negra no estado e fortalecendo vínculos culturais e identitários.

Por ser tratar de um estudo ainda em curso, o processo de análise apresentado tem conclusões parciais.

Os negros nos meios de comunicação

No Brasil, o período pós-colonização, para além da abolição da escravatura, tornou os negros escravizados em trabalhadores livres, todavia, não houve um reparo que permitisse uma condição social digna. Assim, esses grupos foram marginalizados e passaram à condição de minoria, pois “são bastante diferentes para serem completamente agregados à direção da sociedade” (SANTOS, 2004, p. 53). No entanto, ao longo dos anos, se construiu no imaginário que o Brasil é o país da democracia racial: ainda que a organização estrutural da sociedade confira ao negro o papel de subalterno, existe um discurso em que se nega e suaviza as manifestações de preconceito e racismo no país.

A pouca presença do negro nos meios de comunicação é um exemplo de que a ideologia da democracia racial é um mito. O modelo eurocêntrico ainda é dominante na mídia brasileira, seja em comerciais, jornais ou telenovelas. O branco ainda se faz como um padrão universal no imaginário social e, desse modo, carrega a superioridade, enquanto o negro se torna submisso.

A representação do negro nos meios de comunicação de massa no Brasil ainda é carregada de estigmas e estereótipos. Para Santos (2004), a indústria cultural se fundamenta no ideal do branqueamento, privilegiando a imagem euro-norte-americanizada nos meios de comunicação. Dessa forma, ao longo dos anos, se reforçou a ideia do negativo a tudo aquilo que se refere à identidade negra e, apesar de toda a resistência, tanto cultural, quanto política, o negro ainda “não conseguiu, até hoje, levar à produção na televisão brasileira uma quantidade significativa de imagens e programas que apresentem seus valores, experiências e a importância do grupo para o país” (SANTOS, 2004, p. 21-22).

A televisão no Brasil existe desde os anos 1950 e 60 anos depois, os negros – que correspondem a mais da metade da população – ainda têm papel nas telenovelas, séries e programas de entretenimento, carregado de estereótipos estigmatizados, papéis subalternos

ou coadjuvantes, muitas vezes, da sua própria história. Não são raros as novelas e filmes que utilizaram atores brancos para substituir a presença do negro, como por exemplo, a telenovela *Chica da Silva*. Apesar de contar a história de uma escrava negra, quando transposta para o audiovisual, a atriz escolhida para interpretar a personagem era branca.

A telenovela é, pois, a narrativa que veicula representações da sociedade brasileira, nela são atualizadas crenças e valores que constituem o imaginário dessa sociedade. Ao persistir retratando o negro como subalterno, a telenovela traz, para o mundo da ficção, um aspecto da realidade da situação social da pessoa negra, mas também revela um imaginário, um universo simbólico que não modernizou as relações interétnicas na nossa sociedade. (LIMA, 2000, p. 13-14)

A televisão é uma formadora de opinião e devido ao alcance de público é responsável por criar e disseminar modelos de identidade que serão referências para o espectador. Apesar dos anos que distanciam a abolição da escravatura no país dos dias de hoje, a população negra ainda sofre de falta de representação nos veículos de comunicação de massa do Brasil. Não dar a visibilidade real à composição racial⁵ do país, compactua com a identificação do negro com a cultura eurocêntrica, influenciando assim, na negação da construção da identidade negra. Dessa maneira, se torna fundamental discutir a igualdade racial e a representação positiva e protagonista de atrizes e atores negros nesses espaços sociais.

A resistência do negro surge da necessidade de identificação, a partir da representação, sendo ela um elemento “fundamental do processo pelo qual o significado é gerado e trocado entre os membros que formam uma cultura” (SANTOS, 2004, p. 39). Assim, quando a representação de um determinado grupo é carregada de estigmas e estereótipos, são internalizados diversos códigos que reforçam o pensamento negativo sobre esse grupo.

A identidade na TV pública regional

Por muito tempo, os meios de comunicação não viram a questão racial como algo importante e passível de discussão. Dessa forma, constrói-se a ideia de que a diversidade racial não é necessária em meios como, por exemplo, a televisão. O que se percebe, então, é

⁵ Segundo o IBGE 2014, 53,6% da população brasileira se autodeclara negra. Disponível em < <https://www.mundonegro.inf.br/pesquisa-do-ibge-revela-pretos-e-pardos-tem-novo-aumento-proporcional/> >, acesso em 18 de abril de 2016.

que a televisão se torna “um meio de reforço simbólico da política de invisibilidade da desigualdade e da discriminação racial” (ARAÚJO apud SANTOS, 2004, p. 24-25), uma vez que se utiliza de estratégias excludentes para determinados grupos raciais. Para Santos (2004), é necessário levar em conta ainda “o conteúdo simbólico de mensagens dos meios de comunicação” (2004, p.14) para entender o que está por trás da “construção e circulação dessas mesmas mensagens”.

Porém, não se pode desconsiderar que a televisão é segmentada. No que tange, por exemplo, a TV pública regional, a programação “(...) é vista como um laço social entre a comunidade e os anunciantes de sua localidade. É um território de pertencimento que as emissoras tentam constituir com a região em que se inserem” (LISBOA FILHO, 2013, p.6).

A TV pública regional surgiu no Brasil em 1968, com a TV Universitária de Pernambuco, com o objetivo de disseminar conteúdos educativos e fomentar debates sobre diversas áreas temáticas, como política, educação e cidadania. A essência das emissoras de TV pública “é o compromisso com programas educativos, infantis, religiosos, culturais e artísticos, muitos com linguagem popular, além de abrir espaço para as minorias” (MENDEL; SALOMON apud COELHO, 2012). Nesse sentido, o conceito de TV pública regional é parte de um processo de identificação e pertencimento, já que a programação é voltada ao público local e que cria, assim, espaço para interesses diversos com cunho cultural, informativo e educativo.

Diante de tal concepção, esse modelo de televisão, como serviço público, deve atender “às necessidades de toda a coletividade – e não de um ínfimo segmento dela que se encontra no ápice da pirâmide social” (SCORSIM apud COELHO, 2012). A representação das minorias deve estar presente na TV pública regional, uma vez que ela se torna uma ferramenta que aumenta a formação da população e possibilita o sentimento de pertença. É nesse contexto que se situa a TVE.

Fundada em 1974, a TVE operava originalmente do prédio da Famecos da PUCRS. A programação era basicamente educativa, com ampla participação de professores, e com uma estrutura física e de pessoal reduzida. Em 1980, o crescimento da emissora e um incêndio na Famecos levou a uma troca de endereço: a TVE passou a ocupar o prédio da extinta TV Piratini no Morro Santa Tereza, onde se encontra até hoje.⁶

⁶ Informação tirada do site da emissora. Disponível em < <http://www.tve.com.br/2015/04/historia-na-tve-e-fm-cultura-e-destaque-no-tve-reporter/>>, acesso em 18 de abril de 2016.

Atualmente, a TVE RS é uma emissora direcionada para um público que tem interesse, principalmente, por cultura, apesar de ser acessível para outros segmentos de audiência também. Amparada no jornalismo e na produção de programas sobre atualidade e cultura, a TVE RS retrata a realidade do estado, imersa no contexto brasileiro. Em sua programação atual, a emissora tem dois programas fixos que trazem a temática da negritude: Nova África e Nação. Além disso, a população negra também está presente em sessões de filmes especiais, como o Cinema Africano.

Programa Nação e a representação da cultura negra: Museu do Percurso Negro

O Nação foi ao ar pela primeira vez em 2010, com a proposta de ser um programa regional a serviço da sociedade e que trazia como temática a cultura e identidade da população negra gaúcha, uma vez que estava inserido na TVE-RS, em Porto Alegre. Em formato de documentário, com aproximadamente 30 minutos cada episódio, o Nação começou com temáticas específicas à história, cultura e diáspora africana no Rio Grande do Sul, com o intuito de corrigir a imagem de que no estado não houve uma herança e contribuição significativa da população negra, e a partir disso, o Nação se propôs a ressignificar a história do negro na cultura gaúcha. Além de produções próprias, o Nação apresenta também documentários, filmes e espetáculos que tenham a negritude como tema central.

Posteriormente, em 2012, a transmissão passou a ser também em rede nacional, pela TV Brasil. Assim, houve necessidade de uma reestruturação na produção para que a temática fosse ampliada, incluindo não apenas a história do negro no Rio Grande do Sul, mas também outras questões que envolvem a população negra em âmbito nacional. Em formato de documentário, o Nação vai ao ar quarta-feira às 22h30, com reprise no sábado às 19h50, pela TVE-RS e a meia noite de quinta-feira, com reprise às 06h de sábado, pela TV Brasil. Dentre os assuntos abordados no Nação estão, políticas públicas, ações afirmativas, arte e religiosidade afro-brasileira, a história regional e nacional do negro e as contribuições culturais.

Com intuito de enfatizar a participação e as contribuições culturais do povo negro no estado do Rio Grande do Sul foram selecionados para a pesquisa dois episódios do Nação: o Museu do Percurso Negro e o Massacre dos Porongos. O primeiro por ser um capítulo que contextualiza e mapeia as movimentações do povo negro no Rio Grande do Sul e

problematiza o processo do tráfico e da escravização dos negros. Enquanto o segundo por se tratar da participação dos negros num evento ocultado na história do principal conflito para a emancipação da, até então, província de São Pedro do Rio Grande do Sul, para República Rio-Grandense, a Revolução Farroupilha.

Como já mencionado, por fazer parte de uma pesquisa maior, neste trabalho serão relatadas as primeiras impressões do Museu do Percurso Negro. O segundo episódio, Massacre dos Porongos, é o próximo passo da análise, principalmente, por se tratar de uma narrativa que contextualiza historicamente o 20 de setembro, data da Revolução Farroupilha. Dessa forma, levando em consideração o objetivo final do estudo, julga-se importante dar continuidade a análise, a partir desse episódio, uma vez que remontar a historicidade do conflito regional de maior importância para o estado, sobretudo a partir da perspectiva do negro, é uma forma de complementar e enriquecer o estudo a partir de novas problematizações e reflexões.

O episódio Museu do Percurso Negro foi veiculado pela emissora em duas partes. Juntas, elas resgatam a presença do negro na cidade de Porto Alegre. O Museu do Percurso Negro é um museu a céu aberto no centro histórico da capital e reconstrói, a partir de monumentos em espaços públicos da cidade, as áreas de maior movimentação e ocupação do povo negro, seja por comércio ou por resistência.

Na primeira, exibida em 22 de maio de 2015, a apresentadora Fernanda Carvalho entrevista historiadores e artistas plásticos para falar sobre os “caminhos invisíveis” do negro em Porto Alegre. A apresentadora começa contextualizando historicamente a chegada do negro na cidade, trazendo dados do censo de 1814, período em que a população negra representava cerca de 48% da população do estado; e contrapõe aos dias atuais, em que a população negra corresponde cerca de 20%. Em um segundo momento, Fernanda percorre Porto Alegre e apresenta três monumentos que reforçam a identidade e resistência negra na cidade, o Tambor, localizado na Praça Brigadeiro Sampaio (onde era o Largo da Forca); a Pegada Africana, localizada na Praça da Alfândega (onde era o Largo das Quitandeiras) e o Cais do Porto, que apesar de ainda não ter um monumento, representa um espaço de resistência e busca pela liberdade dos negros escravizados.

Na segunda parte do episódio Museu do Percurso Negro, exibida em 12 de junho de 2015, a trajetória da apresentadora pela capital, continua. Fernanda apresenta o Bará do Mercado, localizado no Mercado Público de Porto Alegre (espaço de circulação cercado de religiosidade); o Painel Afro-brasileiro, localizado no Chalé da Praça XV (espaço de grande

movimentação negra); a Igreja das Dores, que ainda não tem seu monumento construído, mas será Xangô, (naquele espaço havia um Pelourinho onde muitos negros escravizados foram açoitados e enforcados); e, finalmente, a esquina Democrática, que também deve receber um monumento, pois desde dos anos 70 é um espaço de encontro e resistência dos negros.

Percebe-se a partir do episódio que a perspectiva do programa se faz através do olhar negro. Dessa forma, a narrativa contribui para a valorização do negro, uma vez que dá luz a história e reforça a existência negra. Cada monumento apresentado pelo Nação é um símbolo da história de um povo marginalizado e renegado na história do Rio Grande do Sul. E apesar de alguns deles ainda não estarem construídos, o programa se preocupa em apresentar esses espaços, afim de reforçar a existência do negro.

A dualidade presente/passado também é perceptível no programa. Através do trajeto da apresentadora nas ruas atuais da cidade, em colisão ao encontro com os historiadores – que através dos seus depoimentos reconstróem o passado – é uma estratégia do Nação para redefinir esses espaços sociais e intensificar que o negro ainda faz parte desses locais na atualidade.

Outro recurso que chama atenção no episódio Museu do Percurso Negro são os elementos audiovisuais em consonância com a narrativa oral e enfatizam que muitos lugares da cidade de Porto Alegre, teve a contribuição da população negra, no seu desenvolvimento. O Mercado Público da capital, por exemplo, era um espaço de circulação e comércio dos negros que, no período pós abolição, fixaram ali seus produtos. Dessa forma, fica evidente que o programa Nação se utiliza de recursos culturais para consolidar a identidade negra no Rio Grande do Sul.

CONCLUSÕES

Por se tratar de um trabalho ainda em curso, as considerações encontradas são parciais. Naturalmente, a versão dos meios de comunicação hegemônicos sobre cultura negra oculta eventos históricos em detrimento de outros. No caso Museu do Percurso Negro, aqui analisado, observa-se um esforço em remontar as movimentações do negro gaúcho na cidade de Porto Alegre.

Quanto à narrativa, o episódio Museu do Percurso Negro, inicialmente traz uma contextualização histórica do período escravocrata no Brasil e reforça que naquela época, os negros representavam mais da metade da população do estado. Porém, nos dias atuais, essa população corresponde a cerca de 20%. Enquanto são trazidos dados acerca do povo negro, a narrativa se configura por meio de ilustrações e imagens fotográficas antigas.

O Nação vai, aos poucos, construindo o programa através de uma linguagem densa, mas acompanhada de recursos visuais que suavizam o discurso. O Museu do Percurso Negro é um museu a céu aberto, planejado por historiadores, artistas plásticos e escultores. Por se tratar da reconstrução do caminho do Negro, o Nação procurar utilizar elementos diferentes na construção do programa, como por exemplo, o deslocamento entre cada um dos monumentos é feito de bicicleta e é interpretada por uma personagem animada da apresentadora. É interessante ressaltar a estratégia utilizada pelo programa em trazer de pano de fundo, o nome do museu representado por uma mulher negra, percorrendo espaços de representação e resistência negra.

Quanto à produção, o Nação brinca entre o real e o imaginário. A personagem da apresentadora como *avatar*,⁷ circula sobre o mapa do centro histórico da cidade de Porto Alegre e assim, pode ilustrar as ruas e avenidas em que cada monumento está/será construído. Em que cada ponto, o programa volta para o real, a fim de evidenciar a existência do negro nesses espaços. Entre fotos e entrevistas, o programa procura dar visibilidade para a história do negro e fortalecer a contribuição dessa população para o desenvolvimento da cidade.

O episódio Museu do Percurso Negro traz a chegada do negro em Porto Alegre e evidencia suas movimentações pelo espaço social. No que tange a historicidade, a ocupação das áreas periféricas mostra que o povo negro precisou buscar lugares não centrais, em que pudesse fortalecer sua cultura e resistir. A criação de um museu que relembra a importância desses espaços e a visibilidade da existência deles, a partir de um programa veiculado em uma emissora pública regional, chama atenção para a existência de um povo relegado.

Preliminarmente, já se pode notar que a emissora pública regional é um espaço de identificação do espectador; a se ver representado, cria um sentimento de pertença. Além disso, é fundamental criar esses elos, não somente a partir da representação do hegemônico; mas a partir da diversidade dos grupos sociais. Dessa maneira, programas como o Nação,

⁷ Conforme dicionário Aurélio, é o termo utilizado na mídia ou na informática para figuras ou personagens semelhantes ao usuário.

vêm a somar, na medida em que remontam à história da cultura e identidade afro-brasileira e assim, garantir a existência do negro nos meios de comunicação.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

CASTELLS, M. **O Poder da identidade**. São Paulo: Paz e Terra, 1999.

COELHO, Selma B; CARVALHO, Juliano M. O conceito da televisão pública para a Rede Nacional de Televisão Pública Digital. **Temática**, João Pessoa, v. 1, n. 8, p.1-19, fev. 2012.

LISBOA FILHO, F.F; ENNINGUER, R.Z. **Identidades e televisão regional**: conceitos e aproximações. In: XXXVI Congresso Brasileiro de Ciências da Comunicação, Manaus, AM, 2013. Disponível em:

LISBOA FILHO, Flavi Ferreira. **Mídia Regional**: gauchidade e formato televisual no Galpão Crioulo. 2009. 232 f. Tese (Doutorado) - Curso de Comunicação Social, Universidade do Vale do Rio dos Sinos, São Leopoldo, 2009.

LIMA, Solange Martins Couceiro de. A personagem negra na telenovela brasileira: alguns momentos. **Revista Usp**, São Paulo, v. 3, n. 48, p.88-99, dez. 2000.

SANTOS, J.B.N dos. **O negro representado na revista Raça Brasil**: a estratégia de identidade da mídia étnica. 2004. 188f. Dissertação (Mestrado) – Curso de Biblioteconomia e Comunicação, Comunicação e Informação, Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Porto Alegre, 2004.